

PREÂMBULO

PODER E PSICANÁLISE

“Se fôssemos anjos, não teríamos necessidade de governos” (James Madison)

Freud, em suas “Considerações sobre a guerra e a morte” é, sobremaneira, cético quanto à condição e condução do progresso, do bem comum, da solidariedade em contraposição aos valores tão decantados do Iluminismo: igualdade, liberdade, fraternidade. O notável pensador constata que o exercício do mal insere-se e reina, quase soberano, no centro da razão civilizada. A barbárie das guerras, a banalização da morte, a incompetência dos políticos e estadistas na gestão daquilo que Freud denomina “diferentes subjetividades” ou “narcisismo das pequenas diferenças”, daí sua descrença no ser humano quanto à solução dos problemas coletivos e a efetivação do pleno bem estar social.

Os governantes, via de regra, tais quais as empresas capitalistas são condicionados à acumulação patrimonialista, ao “empaturramento”, ajustando-se aos valores predominantes do narcisismo, da pulsão, desejo, gozo ilimitados. Segundo ainda Freud, somos, em essência antissociais; é a pulsão da morte que nos seduz para o gozo absoluto, ainda que tenhamos que violar os valores culturais, morais, sustentadores da civilização. Dai o grande número de pessoas envoltas com corrupção, fraudes, dolos, crimes, que nos atingem a todos – engravatados, togados, graduados, potentados, laureados, empoderados, o cidadão comum. Criminosos sem sentimentos de culpa, perdidos para eles os valores e inibições de ordem moral, não se estranhando que muitos descambem para a condição de bandidos perigosos, terroristas, fanáticos!

Somos uma sociedade permissiva, individualista, educada para o consumo, o prazer, títulos, cargos, o lucro sem ética, a ostentação, a rentabilidade. Tudo se torna mercadoria, até a honra, o corpo. Até a água e bens livres da natureza. Não podendo vender o ar, os gananciosos e ignorantes o poluem. Eis a pulsão, o poder político, econômico, onde nada se pode perder, nada é restrito, a postura de se “tirar vantagem”, a qualquer custo. Não é, nem será fácil a reeducação de valores e hábitos. Sairmos da ótica, da lógica da competição para a cooperação, a distribuição, a equanimidade! Como romper privilégios voluptuosos, gananciosos, secularmente cristalizados?! Como proceder à reavaliação das razões cínicas, não transparentes, oriundas de governantes rapaces, ladravares, autoridades de todos os tipos, que legislam em causa própria, dotados de “autodivindade”?! Como diz o povo, à socapa, na mais refinada ironia: alguns se julgam deuses, outros têm certeza absoluta disso...

O Estado, a sociedade, em algum momento, terão que rever suas posições. Ainda que pela dor, por revoluções, quiçá, oxalá, morais. O fosso que se produziu e se produz entre grupos de poderosos e multidões de explorados, estas chamadas somente para pagar as contas e saciar a ganância de minorias; entre massas espoliadas e “senhores” insensíveis, que regem sob a máscara de “legal”, de “direitos”, em conchavos, regras e interpretações marginais criadas por eles próprios, só para eles, familiares e apaniguados - em algum momento, não mais se sustentarão.

A inserção de novo princípio educativo-civilizatório, em especial junto aos filhos, as novas gerações, de que temos que conviver com frustrações; excessos e caprichos devem ser coibidos; abolição de privilégios nefandos, escusos pelos detentores do poder, a começar pelos que deveriam dar o exemplo e coibi-los já em seus gabinetes e palácios; lisura, postura ética na ação e administração pública. Tempo de mudança da cultura do gozo, da prática das vantagens ilícitas (embora rotuladas de “legais”), do poder a qualquer preço, às custas do povo espoliado; novas formas de decência, subjetivação, de expressão da honradez...

Ritápolis e o Censo: números que conta história

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ritápolis tem hoje cerca de 4,8 mil habitantes. Os números vêm de estimativa do Censo em 2017. Curioso pensar, porém, que ainda no século XIX a população local já havia sido contada e beirava 1,3 mil cidadãos em 130 fogos.

Opa! Fogos? Sim. O termo fazia referência às unidades familiares e indicava grupos numerosos na comunidade, com média de dez pessoas em cada residência.

Exatamente por nuances como estas, que tanto falam sobre uma época e seu povo, o *Sabores & Saberes* traz levantamento completo sobre o Censo e o então distrito de Santa Rita do Rio Abaixo.

Pág. 04



De 'sala de casa' a 'sala de aula': o amor dos Silveira

Um homem que percorreu o caminho entre São Tiago e Belo Horizonte, a cavalo, pedindo educação na cidadezinha do interior. A mulher que dividiu a criação dos filhos com a alfabetização de crianças e adolescentes dos arredores. O casal que dividia tudo o que tinha - de conhecimento a comida - em prol do bem maior.

Moisés e Elza Silveira fizeram diferença nos anos 1960 e ajudaram dezenas de pessoas a, literalmente, escreverem a própria história.

Pág. 07

Padre José Duque: 150 anos

Do fervor no exercício religioso à serenidade no apoio dos fiéis. Tudo isso passando pelo talento em protagonizar e recontar causos. A biografia do saudoso Padre José Duque é cercada de facetas ainda lembradas nas comunidades por onde passou, entre as amizades que fez e no legado que deixou.

Pág. 10

ADIVINHAS

- 1- Qual o sobrenome que todo mundo tem?
- 2- Qual a maior boca do mundo?
- 3- O que é que faz virar a cabeça de um homem?

Respostas: 1- Costa; 2- A boca da noite; 3- O pescoco

Provérbios e Adágios

- É tarde para economia, quando a bolsa está vazia
- O sujo fala do mal lavado
- Depois da mula amansada, todo mundo quer montar
- Cachorro de muito dono morre de fome



Para refletir

• “As cidades como as pessoas são um composto de corpo e alma. O corpo é a estrutura externa, visível e palpável da cidade. A alma é a história, a tradição, a vida da cidade e a vida e a atitude das pessoas que num determinado período representam o seu espírito.”

D. Lucas Moreira Neves

Livre é aquele que não espera aval nem autorização de ninguém, a não ser de seu próprio ser moral. Livre é aquele que assume responsabilidades por todos os seus atos e todas as suas circunstâncias de vida. Livre é aquele que continua sendo ele mesmo, fiel aos seus valores, nas mais diversas situações.

(Rudolf Steiner)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

AO PÉ DA FOGUEIRA UM CAFÉ BEM COADO...

Uma barafunda por aqueles dias na propriedade rural, adjacências de Mercês de Água Limpa. Final de abril, seca dando forte sinal, tempos difíceis à vista, em especial o trato do gado. Dai o tropel de trabalhadores ali das redondezas, em mutirão, no afã de encher o silo. Gente vista por todos os lados: cortando capim, carregando o carro de bois, transportando até o local da ensilagem na beirada do curral, outros alimentando a ensiladeira tocada a óleo diesel (tempos em que não havia energia elétrica na maioria das fazendas), ainda aqueles que lançavam a massa triturada, carregada em balaies e jacás, no interior da cisterna, os que pisoteavam, acomodando as camadas de capim. Um aluvião de homens, com suas falações e cantorias, enfim, pois serviço é que não faltava.

Lá pelas tantas, São Nica, o proprietário do sítio e comandante de toda aquela operação, grita a um dos trabalhadores, então nomeados para os serviços de cozinha: - Faça um bom café para o pessoal. O pó e açúcar estão na prateleira.

Dali a momentos, uma voz grossa, vinda da cozinha, se fazia ecoar pelo ambiente: - Tem jeito de fazer café, não. Há um gato deitado dentro da lata de açúcar...

- Problema não, responde São Nica. O pelo do gato fica no coador, intê é bom prá coar melhor...



O CASO DA ÁGUA

Não há outra palavra para qualificar o sistema político-econômico, a não ser de “cínico”. Transformaram a água em mercadoria, incluindo a sua utilização/conversão em energia elétrica, que é simplesmente retirada do meio ambiente. Nenhum projeto consistente, planejado de valorização, resgate e recuperação das fontes (ecossistemas, nascentes, mananciais, minas, florestas). Poucos investimentos na ampliação da oferta (captação, fluoretação, distribuição). No entanto, estimula-se o consumo à beça de água, energia elétrica. Até tarifas foram, certa época, reduzidas. A propaganda nos mandando consumir, ou seja, desperdiçar, pois quanto mais consumo mais renda para as concessionárias, mais ICMS para as burras do Estado. (a incidência de impostos sobre as contas de água, energia, administradas pelo Estado são absurdas). Quando há crise hídrica, muda-se o figurino. Penalizam o usuário, inclusive com tarifas extorsivas, impraticáveis para todos, ameaças de racionamento, campanhas maciças e milionárias para contenção do consumo. Busca-se, num piscar de olhos, um discurso de economia, de mudança de hábitos, para o que a sociedade jamais foi preparada.

Não incutimos, infelizmente, no cidadão, desde que somos crianças, a prática de poupar, respeitar. E poupar, economizar, racionar significam sacrifícios, mudanças de hábitos, banhos mais rápidos, água e energia estritamente necessários... Pede-se para economizar água, energia, mas cortam-se benefícios e direitos previdenciários, trabalhistas, sociais da população trabalhadora; roubam-se bilhões do Erário; autoridades criam para si sinecuras e mais sinecuras (auxílios e “direitos” de toda ordem, verbas indenizatórias, etc.), zombando, todos do sistema.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



DE ACORDO COM AS CIRCUNSTÂNCIAS E TEMPERAMENTOS...

Um jovem discípulo de Sri Ramakrishna atravessava, certa feita, o Rio Ganges numa balsa. Vinha ele de Calcutá para visitar o mestre. Vários passageiros, na barca, passaram a falar mal de Sri Ramakrishna – de que era um farsante, um oportunista, um amante das coisas mundanas.

O discípulo pôs-se a protestar, sendo, contudo, ignorado pelos passageiros que redobram, então, suas ofensas ao mestre. Indignado, já descontrolado, o jovem pulou para o meio deles, ameaçando afundar a embarcação. Era ele vigoroso, porte atlético, capaz de levar a cabo a empreitada, o que assustou os passageiros, que acabaram se desculpando, silenciando por vez. Nenhuma palavra mais de ofensa contra Sri Ramakrishna se ouviu, até o término da viagem.

Ao relatar, mais tarde, o fato ao mestre, este repreendeu-o: - “*Deverias ser sempre indiferente ao que as pessoas ignóbeis dizem! Poderias ter causado uma grave tragédia por teres te deixado levar pela raiva!*” Ensinou-lhe ainda a nunca ser tomado pela violência, qualquer que fosse a circunstância.

Certa vez, todavia, outro discípulo atravessava igualmente o Ganges, de barco, quando vários passageiros começaram a difamar Sri Ramakrishna. – Falam por ignorância, pois não conhecem o mestre, assim pensou o discípulo, que era de índole pacífica, tímido até. Preferiu, pois, não censurar ou se alterar com aqueles homens rudes que ali vilipendiavam o mestre. Simplesmente silenciou. Ao narrar, dai a dias, o fato a Sri Ramakrishna, pensando que o mestre, tão somente, riria do ocorrido, viu-se surpreendido por enérgica reprimenda:

- Como?! Você se diz meu discípulo e permite passivamente que as pessoas me ofendam, me caluniem em sua presença?!

Lição: Sri Ramakrishna usa duas reações para uma mesma situação. Só que os dois interlocutores (seus discípulos) eram pessoas inteiramente distintas quanto aos seus temperamentos. Um excessivamente agressivo, a quem o mestre desejava incutir a não violência, a não resistência. O outro, sumamente tímido, a quem (o mestre) buscava ensinar a resistir ao mal, a se posicionar com dever e moral ante os desafios humanos. Autocontrole e devoção, eis as atitudes propostas.

Nossos comportamentos, nossos deveres devem ser variáveis, grativos, consoante as circunstâncias e a vivência de cada um. Se não resistimos por fraqueza, indolência, medo, omissão, pecamos; se utilizamos violência, força bruta, preconceitos, também pecamos.

ENSINAMENTOS DE RAMAKRISHNA

À porta dos celeiros, cheios de arroz e ervilhas, são colocadas as armadilhas para os ratos. Eles são atraídos pelo cheiro do arroz grelhado que é colocado nos alçapões e desprezam o arroz farto do silo; vêm comê-lo na ratoeira, onde morrem. O mesmo acontece com a alma. Ela está no limiar da Beatitude Divina, que equivale a milhões das mais intensas alegrias terrenas, mas ela se deixa atrair pelos prazeres fúteis do mundo e cai na armadilha de Maya – esta grande ilusão – e aí perece.

Um viajante, recém chegado a uma cidade, deve antes de a conhecer, conseguir um alojamento conveniente para a noite e aí depositar suas bagagens. Somente depois disso, irá visitar a cidade. Sem essa precaução, ele se arrisca a não encontrar pousada e ter que passar a noite em desabrigo. Da mesma forma, aquele que tem certeza do repouso eterno em Deus pode, sem temor, se aplicar em sua tarefa diária. Quando a noite sombria e terrível da morte descer sobre ele, se ele não tomou essa precaução, passará por sofrimentos e dificuldades sem conta.

Quando alguém enche uma moringa ouve a água borbulhar; no momento em que está cheia, o ruído cessa. Assim os homens que não encontraram Deus, dizem muitas palavras vãs a seu respeito, mas aquele que O viu desfrutava silenciosamente a Beatitude Divina.

Podemos visitar a Terra inteira e não encontrar, em nenhum lugar, a religião verdadeira. Ela só existe no coração de cada um. Aquele que não a tem em si, não a encontrará fora de si.



SRI RAMAKRISHNA

Sri Ramakrishna Paramahansa – nascido Gadadhar Chattopadhyay – foi um dos mais importantes e iluminados líderes espirituais mundiais, ainda hoje reverenciado por milhões de hindus e não-hindus. Nasceu em Bengala aos 18-02-1836 e faleceu em Calcutá em 1886 aos 50 anos, vitimado por um câncer de laringe. A Índia, desde tempos imemoriais, tem legado à humanidade um excepcional número de pensadores e mestres espirituais.

Um dos enviados e mensageiros de Deus, a vida e obra de Sri Ramakrishna no século XIX é bem documentada, em especial pelo cuidado com que vários de seus discípulos – dentre eles Swami Saravananda, Swami Chetanananda, Swami Nikhilananda, Mahendranath Gupta, Vivekananda, Swami Abhedananda – preservaram e aprofundaram seus ensinamentos, todos da mais profunda espiritualidade e renúncia, disseminando-os por todo o mundo.

Para Sri Ramakrishna, a realização divina é a meta suprema de todos os seres vivos e a religião é o meio ou instrumento para se atingir a meta. Homem de meditação constante (“ninkalpa samadhi”) pregava a elevação do homem aos mais altos planos da consciência pelo exercício das virtudes espirituais e qualidades como bondade, pureza, amor, devoção, libertando-nos assim das ilusões (“maya”).

Embora de escassa instrução (alguns biógrafos afirmam ser Sri Ramakrishna analfabeto) ele entendia as mais complexas filosofias e dialogava amplamente com eruditos e teólogos das mais diversas crenças, de forma liberal, tolerante. Dizia “O universo visível e todos os outros universos são apenas bolhas emergindo do oceano da Inteligência (Brahman)” As ideias-chave de seus ensinamentos podem ser assim sintetizadas: I – A unicidade da existência; II – A divindade de todos os seres vivos; III – a unidade de Deus e a harmonia das religiões; IV – a principal amarra da vida humana é a luxúria e a cobiça.

Ecumênico, temperante, Sri Ramakrishna recebia em sua casa a visita de cristãos, muçulmanos, sikhs, budistas, ateus, adeptos de várias outras crenças. Admirador extremado de Cristo, o quadro do Senhor caminhando sobre as águas e salvando o apóstolo Pedro ficava dependurado, em lugar de destaque, na parede de seu quarto.

Para muitos estudiosos, Sri Ramakrishna revitalizou o Hinduísmo, uma das maiores e mais antigas religiões mundiais, afastando-o do ritualismo milenar e de aspectos da superstição, proclamando e conciliando a ascendência da consciência sobre o mundo fenomênico. Seu pensamento contribuiu ainda que indiretamente, para a afirmação do nacionalismo indiano numa época em que a Índia buscava resgatar sua identidade nacional ante os colonizadores ingleses e ainda para a difusão do Hinduísmo, acelerada por seus seguidores, no Ocidente.

Alguns pensamentos de Sri Ramakrishna:

- O conhecimento leva à união; a ignorância à desunião
- O homem se torna o que ele pensa
- O número de opiniões equivale ao número de caminhos
- Se até eu e você existimos, por que é que Deus não existiria?
- A doença é o preço que a alma paga por ocupar o corpo como o aluguel que um inquilino paga pelo apartamento onde mora

FLORES

Em um antigo mosteiro budista, um jovem monge questiona o mestre:

- Mestre, como faço para não me aborrecer? Algumas pessoas falam demais, outras são ignorantes. Algumas são indiferentes. Sinto ódio daquelas que são mentirosas, arditosas. Sofro com as que caluniam...

- Pois viva como as flores! advertiu o sábio.

- Como é viver como as flores? perguntou o discípulo.

- Repare nas flores, continuou o mestre, apontando os lírios que cresciam e ornamentavam o jardim.

- Elas nascem no esterco, entretanto são puras e perfumadas.

Extraem do adubo malcheiroso tudo o que lhes é útil e saudável... Mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas.

É justo angustiar-se com as próprias culpas, mas não é sábio permitir que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos são deles e não seus. Se não são seus, não há razão alguma para aborrecimento.

E concluiu o mestre, com a mais funda benevolência:

- Exercite, pois, a virtude de rejeitar todo mal que vem de fora. Isso é viver como as flores.

O Censo Ritápolis CENSO de 1831



Características da população de Santa Rita do Rio Abaixo

A partir de 1750 são feitos os primeiros levantamentos oficiais da população do Brasil, a mando da Coroa Portuguesa. Porém, somente para informações estritamente militares. Em 1852 foi realizado o primeiro censo nacional. Mas antes, alguns censos estaduais e municipais já tinham sido realizados, tal como o censo de 1831-32 em Minas Gerais.

No Arquivo Público Mineiro[1] encontra-se documento original onde consta a Lista Nominativa deste censo realizado em 20 de dezembro de 1831, no então distrito de Santa Rita do Rio Abaixo, hoje Ritápolis. Tal documento, assim como tantos outros, foi transcrito pelo Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica, integrado ao Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar/Face/UFMG e essa transcrição está disponível no endereço: <https://ti.eng.ufmg.br/pop30/principal.php?popline=listasNom inativasOriginais>.

As informações censitárias descritas neste documento nos dão um panorama do distrito àquela época tanto quanto às características de sua população, como da ocupação de seu território. No Distrito de Paz da Capela de Santa Rita do Rio Abaixo, filial à Freguesia de São João Del Rei, na Comarca do Rio das Mortes, habitavam-se **1.327 cidadãos** em **130 fogos**[2] ou unidades familiares.

Além do Distrito de Santa Rita, outros 233 distritos foram recenseados na mesma época. É curioso saber que os vizinhos à nossa Rio Abaixo tinham um número menor de fogos, tendo o Distrito de Lage (hoje Resende Costa) 94 fogos, Prados tinha 43, São Tiago 55, São Gonçalo do Brumado (Cajuru) tinha 59 fogos, São José (hoje Tiradentes) tinha 93, e São João Del Rei (Sede da Comarca) era um dos poucos na região que tinha um número maior, contabilizando à época 157 fogos.

Os habitantes de Santa Rita eram em sua **maioria “de cor”**, como eram chamados na época. Tendo **929 declarados** serem pretos, pardos, crioulos, caboclos ou africanos. E apenas **383 declaram-se brancos**. Os **escravos** também eram maioria no distrito, sendo declarados **675**. Porém este número poderia ser bem maior, pois somente **369 declaram-se livres e 36 forros**[3], restando 232 sem informar sua condição, podendo assim haver mais escravos dentre estes.

A principal ocupação dentre os **711 homens** do distrito re-

velava a característica rural e agropecuária que consta desde sua formação até os dias de hoje. Eram à época **397 ocupados nas roças**, lavouras e campos. Já as **601 mulheres** de Santa Rita eram, em sua maioria, ocupadas como **fiadeiras**, sendo declaradas **265** nesta função. Outros números expressivos de ocupações figuravam entre os **65 jornaleiros**, **53 cozinheiras** e, entre costureiras, rendeiras, tecedeiras e alfaiate, estavam 97 pessoas. Diversas outras ocupações também foram declaradas: nos estudos/escola (20), em agências (11), carpinteiros (10), sapateiros (10), feitores (7), pedreiros (6), ferreiros (5), seleiros (2), taberneiros (2), e ainda um negociante, um caldeireiro e um “de ordens”[4].

Este último era o Padre Manoel Coelho dos Santos, que segundo consta no livro de visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade[5], era natural de Santa Rita e padre na Capela há 30 anos[6]. Padre Manoel à época estava com 68 anos, possuía 4 escravos que lhe serviam como roceiros, fiadeira e cozinheira. Era filho de pai português de mesmo no nome com a brasileira Genoveva de Almeida e Silva, sendo o terceiro de 10 irmãos[7]. Dona Genoveva de Almeida e Silva, consta neste censo, como “cabeça ou chefe” de um dos fogos do distrito, sendo declarada viúva, estando com 90 anos e de posse de 34 escravos.

Assim como dona Genoveva, constam outras mulheres neste censo como “cabeça ou chefe” de fogos e com grande posse de escravos, a exemplo: Floriana Eufrazia, solteira, 55 anos, com 43 escravos; Marianna Ferreira da Silva, viúva, 51 anos, com 45 escravos; Juliana Maria de Almeida (filha de Genoveva), viúva, 67 anos, com 38 escravos; e Custódia Ferreira de Jesus, viúva, 36 anos, com 36 escravos. Há um único homem no distrito com posse de mais escravos que as mulheres supracitadas, ele é Bernardo José Gomes, viúvo, 63 anos, com 75 escravos.

Nos 130 fogos contabilizados em Santa Rita, 100 tinham homens como “cabeças ou chefes”, e o restante tinham mulheres, e esses eram os eleitores. Pois, “após a declaração de independência, em 1822, D. Pedro I convocou eleições para a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa. O sistema utilizado foi o de dois graus: não votavam em primeiro grau os que recebessem salários e soldos; para a eleição de segundo grau, exigia-se decente subsistência por emprego,

indústria ou bens. O cálculo do número de eleitores era feito a partir do número de fogos da freguesia”[8]. Onde somente o “cabeça ou chefe” dos fogos tinha direito ao voto.

Outro dado que o Censo de 1831 nos revela é as famílias que figuravam a população Santaritense naquela época. Tendo entre os sobrenomes mais declarados os Coelho, Santos, Souza, Oliveira, Mendes, Pinto, Ribeiro, Dias, Teixeira, Serpa, Alves, Pereira, Amaral, de Jesus, Rodrigues, Arvellos, Moreira, Marinques, Almeida, Silva, Gomes, Ferreira, Vieira, Silveira e Xavier. Todos estes sobrenomes ainda estão presentes nas atuais famílias habitantes de Ritópolis, podendo certamente, serem descendentes das famílias daquela época.

E por fim, é fácil perceber diante dos números levantados pelo Censo, que a sociedade que vivia naquela época, quase 200 anos atrás, em Santa Rita do Rio Abaixo contava com características semelhantes à sociedade ritapolitana dos dias de hoje, tais como, sua economia principal está calçada na agropecuária, sua população está bem dividida entre homens e mulheres, com significativo número de mulheres como mantenedoras de suas famílias.

Fonte: <https://ritapolisrioabaixo.wordpress.com>

Ponte sobre o Rio das Mortes

(Divisa São João del-Rei / Ritópolis)



Foto de José Antônio de Ávila Sacramento, em 26 de janeiro de 2010. Esta estreita ponte foi recentemente substituída por outra, mais larga, que, pelo então prefeito de Ritópolis, Higino Zacarias de Souza, foi batizada de "Ponte Santa Rita do Rio Abaixo". A fotografia foi registrada de cima da nova ponte, que fica muito próxima da Estação de Ferroviária de Ibitutinga. O prof. Oyama de Alencar Ramalho dá o seu testemunho sobre a ponte que fica no limite dos municípios: “de um lado São João del-Rei, a cidade, aonde se ia resolver problemas, fazer compras na farmácia, passar uma escritura, ouvir um conselho do Seu João Ramalho ou aviar uma receita no Seu Banho. Ia-se de roupa limpa, de cabelo penteado, de terninho de brim, de vestidinho de festa, na jardineira do Vadiño, no caminhão do Vicente Mendes ou no trem de ferro da Oeste de Minas.”. Atravessando o rio, “do outro lado era Santa Rita do Rio Abaixo — que cismaram rebatizá-la de Ritópolis — aonde ninguém ia, somente voltavam os que tinham ido, maravilhados com barulho citadino, com a imponência do barroco, com as tabuletas coloridas e com o sortimento das abastadas casas comerciais. E para ir e vir existia uma ponte de pau, que sabe Deus quando e como foi construída. Depois, aproveitaram seus pilares de pedra e fizeram uma outra de cimento armado.”. Seria importante (muito importante mesmo!) meditar sobre a possibilidade da recuperação do histórico topônimo “Santa Rita do Rio Abaixo” para o vizinho Município de Ritópolis... “Ritópolis” foi um empobrecimento! Ou não?

Retirado de www.patriamineira.com.br

[1] APM – Arquivo Público Mineiro.

Endereço: Av. João Pinheiro 372, Funcionários – 30130-180 | Belo Horizonte, MG – Brasil | Telefone: (31)3269-1060 / (31)3269-1167 | Site: www.siaapm.cultura.mg.gov.br.

[2] O Decreto nº157, de 4 de maio de 1842, em seu art. 6º, assim definia fogo: “por fogo entende-se a casa, ou parte dela, em que habita independentemente uma pessoa ou família; de maneira que um mesmo edifício pode ter dois ou mais fogos”.

[3] Escravo liberto por Carta de Alforria

[4] Eclesiástico. Ou sacerdote da Igreja.

[5] Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825). Fundação João Pinheiro e IE-PHA. Belo Horizonte, 1998.

[6] Lê-se no livro: “o seu capelão é o Pe. Manuel Coelho dos Santos; é cura há 30 anos por ser natural do lugar”.

[7] Informações retiradas do Testamento de Manoel Coelho dos Santos, pai, aberto em 09 de maio de 1785. Na transcrição feita por Flávio Marcos dos Passos, e disponibilizado pelo Projeto Compartilhar – www.projeto.compartilhar.org – O documento original encontra-se arquivado no Museu Regional de São João Del Rei, caixa c-482, tendo 77 folhas originais.

[8] Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior eleitoral, 2014.

Carapuça

Um nome diferente e muita história para contar

As cidades pequenas e hospitaleiras do interior têm, em sua maioria, uma distribuição de terras desigual e muito interessante: enquanto a zona urbana ocupa um pequeno espaço territorial, a Zona Rural toma conta de grande parte da extensão do município e muitos deles possuem vários povoados que têm história própria.

Em São Tiago não é diferente. O município possui um distrito, denominado Mercês de Água Limpa, mais conhecido como Capelinha, e doze povoados na Zona Rural: Capão das Flores, Fundo da Mata, Tatu, Patrimônio, Chapada, Córrego Fundo, Jacaré, Cajengá, Germinal, Melos, São Pedro da Carapuça e Içara, sendo que estes dois últimos com características quilombolas.

De acordo com Marcus Antonio Santiago, professor e pesquisador, as histórias de cada um desses povoados, muitas vezes ligadas à religião e às crenças das pessoas, ajudam a remontar trajetórias. Em uma pesquisa intitulada “Efemérides do Povoado de São Pedro da Carapuça”, Santiago faz um levantamento sobre o passado do lugar e afirma que saber sobre ele é muito importante para resguardar tradições e todas as demais heranças que o tempo deixa às gerações seguintes. “Nem todos os povoados de São Tiago têm sua história registrada como a Carapuça. Juntar essas informações e poder passar para outras pessoas constitui a principal forma de manter viva a memória desse lugar”.

Segundo o levantamento, São Pedro da Carapuça, ou apenas Carapuça, é um dos maiores povoados do município. O início de sua povoação não é dado com precisão, já que havia ali uma antiga fazenda, mantida sob o antigo regime colonial, dando ao povoado a característica de quilombola.

Rita de Cássia Viana, moradora do povoado, explica a origem do nome “Como era costume da época, os antigos e ricos fazendeiros ao demarcar seus terrenos, logo construíam o casarão e também uma ermida em honra ao santo de sua devoção.

O primeiro dono das terras construiu uma pequena ermida em honra a São Pedro e os donos que se seguiram mantiveram aquela tradição e devoção ao santo. Carapuça foi um complemento dado para diferenciar e fazer referência à pedra que existe nas proximidades em formato de uma carapuça.”

São Pedro da Carapuça, que já pertenceu à cidade de Bom Sucesso, é distante de São Tiago 22 quilômetros. Com cerca de 250 moradores, o povoado não possui mais do que uma mercearia e um bar. Além disso, possui também um pequeno posto de saúde que funciona para a marcação de exames, distribuição de alguns medicamentos e para atendimento médico uma vez por mês.

Para suprir outras demandas, os moradores precisam ir à São



Capela de São Pedro da Carapuça

Tiago ou Bom Sucesso o que, segundo Rita não é tão difícil. “Apesar de ter que enfrentar estrada de terra, hoje o acesso às cidades próximas é mais fácil já que muitos têm carro e aqueles que não têm, podem usar do transporte oferecido pela prefeitura para buscar e levar nossas crianças à escola.”

Apesar de depender da cidade para algumas coisas, o povoado tem sua própria economia produzindo quase de tudo que precisa. Ainda de acordo com Rita, quase todos os moradores cultivam café, arroz, feijão, milho, mandioca, entre outros, e o que não pode ser produ-

zido é comprado em São Tiago ou na mercearia do povoado. “A maioria das famílias se sustenta do trabalho na roça e algumas complementam a renda com a lavagem de roupas e fabricação de sabão, doces e cachaça”.

Para não ter que comprar carne em açougues, muitas famílias criam porcos e abatem em forma de mutirão, onde todos ajudam e ganham um pouco do que foi “produzido” no final. Como ressalta Rita, “a vida simples no lugar nos dá a sensação de viver na mesma época em que o povoado surgiu: quintal grande com ‘horta de couve’ e remédios plantados para acudir nas horas em que não se pode ir à cidade, forno e fogão à lenha e a simplicidade das pessoas que não trocam a Carapuça pela cidade.”

A capela de São Pedro e sua importância para a Carapuça A atual capela de São Pedro da Carapuça foi edificada pelos segundos donos das terras no ano de 1934, no lugar da antiga ermida, quando houve demolição do velho casarão construído nos tempos coloniais.

De acordo com a pesquisa de Santiago, a capela tem estilo simples e singelo, como as capelas rurais da época. Seu frontispício traz, na parte alta, a cruz e a porta central de entrada. Na torre existem dois sinos pequenos, sendo que um deles traz uma inscrição de 1953, possivelmente ano em que a capela foi aumentada.

No altar-mor, em madeira, que caracteriza peça fundamental da época da edificação, está a imagem de São Pedro e presume-se que ela foi adquirida no século 18. É talhada em madeira policromada, segura nas mãos as chaves simbólicas do céu e tem sobre a cabeça uma auréola. Quando há possibilidade batismos, primeiras eucaristias e casamentos são realizados.

A tradicional festa de São Pedro é realizada no dia 29 de junho. Promovida por membros da comunidade, é o cartão de visita do povoado. Muitas pessoas de diversos lugares participam e dentre as atividades dos dias festivos há cavalgadas e movimento de barraquinhas. À noite, o mastro de São Pedro é levantado e uma grande fogueira, acesa.

Texto: Michele Santana
Foto: panoramio.com

MOISÉS SILVEIRA E FAMÍLIA

Imagine a sala de sua casa vazia. Tire dela móveis, fotografias penduradas na parede, eletrodomésticos, itens de decoração. Deixe ali apenas paredes, o piso e o teto. Agora substitua o vazio por um quadro negro instalado em algum lugar, cerca de 50 carteiras escolares espalhadas e, do lado de fora, o som de crianças chegando para estudarem.

Pois esse exercício de imaginação foi realidade na vida de Edma Alves da Silveira Rezende. No ano de 1965, ela viu parte de casa, na Fazenda da Bandeira do Jacaré, se transformar em escola para dezenas de crianças da Zona Rural são-tiaguense. Foi a oportunidade para que pequenos moradores da região aprendessem a escrever os próprios nomes.

Antes de todo esse aprendizado porém, Edma viu o pai, Moisés Silveira, sair a cavalo de casa inúmeras vezes rumo a Belo Horizonte. Percorria a maior parte dos 300km entre a fazenda e a capital mineira no lombo do bicho. Depois, em algum ponto da viagem, entrava em um ônibus e rumava para a “cidade grande”. Nas palavras da filha: “Não sossegou até ser recebido por uma autoridade e voltar com autorização para a escolinha funcionar”.

Algo que aconteceu em 1965. Em 18 de setembro daquele ano, a Fazenda da Bandeira do Jacaré passou a ser oficialmente chamada Escola Estadual de Bandeira do Jacaré. Ali, lecionava a esposa de Silveira, Elza, ex-professora na cidade de Santo Antônio do Amparo. Depois, na Zona Rural de São Tiago, conciliou educação escolar e os cuidados com os quatro filhos acalentando com o abecedário, lições de Matemática e de vida pequenos herdeiros de diferentes famílias ao redor.

PROFESSORA

Ao longo dos anos, Elza ensinou com didática própria pequenos alunos do 1º ao 3º ano escolar. E o fazia simultaneamente, aliás. A filha, Edma, lembra que alguns alunos caminhavam quilômetros a fio para chegarem à sala de aula. Aliás, para vivenciarem a primeira experiência em uma. “Minha mãe era a única professora e essas crianças moravam longe. Vinham andando pelas estradas de terra pra aprender e voltavam juntinhas. Então, não era viável separá-las. Os irmãozinhos aprendiam tudo ao mesmo tempo e tinham lições dos três primeiros anos de forma integrada. Até porque, alguns já estavam crescidos e precisavam aprender um pouco além”, relembra ela, que frequentou as aulas da mãe e a acompanhava, no recreio, enquanto ensinava meninas a fazerem bordado e crochê.

Deu certo e não demorou muito para que o 4º ano passasse a ser lecionado na Bandeira do Jacaré. A escola inclusive passou a contar, então, com uma normalista. Algo novo em toda a região. “Naquela época, não se esperava muito da roça. Muita gente nascia e crescia acreditando que o único talento era cuidar da terra. Escola parecia coisa da cidade. Com as aulas, as pessoas ali perceberam que podiam ir além se quisessem. E foram”, recorda Edma em referência a estudantes com idades entre 7 e 14 anos.



Sr. Moisés Silveira e suas netas Wania, Izabel e Walquíria

SONHO

Edma garante que a casa cheia de crianças e o gesto nobre dos pais a enchiam de orgulho. Algo de que nenhum dos dois se gabava. “Fizeram por amor às pessoas e à comunidade. Meu pai estudou em casa. Foi privilégio por ter uma família com boas condições, mas extremamente generosa. Acho que isso o acompanhou a vida toda. Compartilhava tudo o que tinha de melhor. Era algo muito pessoal dele. E talvez isso explique a teimosia e persistência em implantar a escola com a minha mãe”, relata.

Não era, no entanto, o único sonho do produtor rural. Em casa, conta Edma, ouviu muito a frase “aqui não comemos sozinhos”. E assim cresceu dividindo a mesa com funcionários da fazenda e seus filhos. Também acabou se acostumando com a presença de desconhecidos transitando pela cozinha, recebendo marmitas preparadas com carinho pela mãe ou litros de leite separados pelo pai. “Às vezes, o leite na vasilha não era suficiente. Ele emprestava a vaca inteira”, lembra Edma rindo. Depois, com um suspiro, completa: “Meu pai foi um homem que, entre erros e acertos, não passou à toa pela vida”.

LIÇÕES

D. Elza tem hoje 83 anos e ainda guarda o ar de professora que, segundo Edma, deixa claro que é uma mulher com muito a ensinar. Por mais de uma década, fez vigília ao marido enfermo enquanto tentava se curar, também, da própria dor: a morte de um filho. Moisés Silveira partiu pouco depois, aos 78 anos, por complicações após fraturar um fêmur. “Ele benzia pessoas em nome de Nossa Senhora da Conceição. Foi um homem de grande fé e é nela que nos espelhamos tentando superar perdas e a saudade. O que ameniza é pensar em tudo o que fez e ensinou”, acrescenta a filha.

Moisés era afilhado de ninguém menos que Monsenhor Elói, a quem procurava e com quem se aconselhava. O religioso era, ele próprio, um eterno grato aos Silveira. “Minha avó, Isabel Silva, doou alguns recursos para ajudar nos estudos do Monsenhor na juventude. Dali nasceu uma ligação muito forte”, narra Edma.

E finaliza: “Quando passo em frente a locais que ele, enquanto padre, construiu, lembro do meu pai doando madeira para as obras e da minha mãe, em pleno trabalho de parto, fazendo almoço para os trabalhadores que foram à fazenda buscar o material. É isso que nos inspira e fortalece”.

MAUS TRATOS PODEM

Da nascente à desembocadura, ambientalista percorre



Ele serpenteava, vivo, piscoso e intacto, as extensas várzeas e veredas que definiu como seu caminho para o mar. Mas após décadas de agressões permanentes, incluindo milhões de litros de esgoto doméstico atirados diariamente em suas águas e um projeto do governo de Minas, que simplesmente alinhou parte do seu leito, num crime inominável contra a vida e a proteção ambiental, o Rio Jacaré, que nasce no município de Oliveira e deságua 160 quilômetros abaixo, no Rio Grande, tende a sucumbir, se algo não for feito em favor de sua preservação. O Rio Jacaré é o único rio que atravessa o município de Oliveira. De sua bacia vem toda a água que consumimos e de suas margens uma parcela importante da produção agrícola e pecuária de toda a região.

Com o objetivo de demonstrar a real condição deste importante curso d'água de cunho regional, o ambientalista e estudante de direito da FEOL Israel Júlio Ramos, atuando praticamente de forma solitária e sem nenhum apoio financeiro, está esquadrihando os vários aspectos do rio, entre eles a mata ciliar; o assoreamento; acúmulo de lixo em suas margens, como também de seus afluentes e subafluentes e o depósito em seu leito de efluentes sólidos.

O projeto "Rio Jacaré - da nascente à desembocadura", almeja conscientizar a população dos riscos do mal uso desse recurso natural; informar sobre a real condição em que se encontra o principal rio da região; revelar suas belezas e suas mazelas; cientificar as autoridades, órgãos competentes e a população no sentido de buscar soluções sedimentadas, em uma convivência ecologicamente correta e sustentável.

Com uma pequena câmera filmadora nas mãos e uma enorme vontade de ajudar, Israel já conseguiu cenas memoráveis, como a visita ao ponto exato da nascente do rio, no seio da mata da

Serra do Galga, localidade de Ouro Fino, entre o município de São Tiago e o distrito de Morro do Ferro, local de difícil acesso e onde o ser humano praticamente ainda não pisou.

Conta o seu autor que a ideia do projeto nasceu da análise, da observação das mudanças que ao longo dos últimos anos vêm acontecendo de forma notável, com este importante curso d'água e sua bacia. Ou seja, percebe-se que algo de errado está a desencadear processos antes nunca observados. Entre as muitas mazelas já constatadas pelo ambientalista, estão o assoreamento em grande escala; cheias devastadoras; morte de lagoas e lagos marginais; aumento da velocidade da água dentro do leito ou curso; transporte de material vegetal, o que significa destruição da mata ciliar por sucção marginal; carreamento para dentro do leito de grande volume de matéria sólida (terra, areia entre outros), e de dentro do leito para além margem, provocando em vários pontos o "aterramento" de espécies vegetais nativas; o abandono de toda sorte de lixo nas suas margens, quer seja por frequentadores ou ação do chamado "bota fora", onde o impacto visual é por demais chocante. "Estes são apenas alguns dos muitos problemas graves provocados notadamente pela ação do homem, sinais emitidos pelo Rio de sua morte e do fim da potabilidade de suas águas", observa Israel.

Em seu considerável percurso, o Rio Jacaré, segundo maior afluente da margem direita do rio Grande, maior afluente direto, se considerado o lago de Furnas, banha o território de oito municípios: São Tiago, Oliveira, Santo Antônio do Amparo, São Francisco de Paula, Candeias, Santana do Jacaré, Cana Verde e Campo Belo. Sua profundidade média gira em torno de 1 metro, e largura média de quarenta metros, sendo possível navegar em suas águas em pequenas embarcações, a partir do município de Santana do Jacaré.

Possui, segundo dados da CEMIG, um potencial de geração de

MATAR O RIO JACARÉ

o maior e mais importante curso d'água de Oliveira



energia elétrica de cerca de 18MW, sendo que duas unidades em funcionamento produzem três MW aproximadamente, respectivamente as usinas de Morro do Ferro e do Anil.

Toda a água potável distribuída para a população de Oliveira é proveniente de sua bacia, captada de dois mananciais, seus afluentes: Córrego dos Bois e Pontilhão de Areia.

“Qualquer rio seria apenas um rio se não fosse a presença humana. O ser humano cruza o seu caminho literalmente e daí em diante lhe dita um novo rumo, se bem ou mal, seu leito, suas margens, suas águas, vão ao seu turno definir e exteriorizar o tratamento recebido”, argumenta Israel. Ele pontua que, a priori, valoramos a água na medida de nossas necessidades. Com ela matamos nossa sede e a dos animais domésticos, usamo-la para tomar banho, lavar objetos e coisas, enfim, utilizamos dela desmedidamente, pois nossas necessidades relativas à água parecem infundáveis. “Ela também é usada como depurativo de nossos despojos, restos. É conferida à água a condição de abutre de nossas mazelas materiais”, observa o ambientalista. Mas antes de tudo a água, paradoxalmente, é o fiel da balança, o limiar entre a vida e a morte.

O projeto “Rio Jacaré - da nascente à desembocadura”, mostra, principalmente, a necessidade de ações emergenciais, se queremos ver preservado a maior fonte de vida de Oliveira. Porque por meio da água será traçado o novo eldorado do terceiro milênio, quando o garimpo da água pura, potável, deverá nortear o novo conceito de potência, em um futuro não muito distante. “Portanto – diz o autor do projeto - não será cabível, a pretexto da consolidação do progresso da humanidade, relegar a uma condição menor a necessária e urgente proteção dos mananciais, sob pena de ver a vida na terra fortemente ameaçada”.

Gazeta de Minas

Sobre o Rio Jacaré ver matéria em nosso boletim nº CVIII Set/2016.

Cadê nossas autoridades, que só pensam em recuperar casarões sem recurso e sem retorno, e vê este rio morrendo aos poucos, que foi devastado a anos pela Rural Minas, desviaram o rio, ou seja, colocaram ele em linha reta, um crime ambiental jamais permitido, com projetos para plantio em suas várzeas, o que nunca ocorreu, promessas de culturas como a cana de açúcar e etc. Além disto estão matando o rio com retiradas de areia, em grande escala, já não se vê árvores ao seu redor, Se tem autoridade neste país, vamos preocupar com coisas reais, voltem este rio ao seu curso normal e que se façam um projeto para revitalização do mesmo. Era um rio cheio de vidas, cheio de nascentes, cheio de lagoas, e hoje esquecido por todos, fora a desumanidade de algumas pessoas, que não sabem que lugar de lixo é no lixo e não em suas águas e margens jogando o que querem para acabar de exterminá-lo. Este rio não pode morrer. Ninguém comentou nada, porque não sabem de nada, e se ocultam da realidade. Este rio tem que voltar ao curso antigo a todo custo, cadê nossos ambientalistas! Não estou falando isto para prejudicar ninguém mas para salvar algo que vai morrer.

*Roberto Braga
17/08/2013*

Pe JOSÉ DUQUE DE SIQUEIRA

1868-2018



Pe. José Duque e familiares

150

anos

Sesquicentenário de nascimento

Há 150 anos, aos 11 de fevereiro de 1868, nascia em Santa Rita do Rio Abaixo (hoje Ritópolis) uma das mais importantes figuras da história regional: Pe. José Duque de Siqueira. Era filho do Sr. Bráz Siqueira e D^a Francisca (Chiquinha), tendo mais duas irmãs – Lourença (Naninha) e Herondina (Dina).

Vocacionado desde a infância para o sacerdócio, cursou o célebre Seminário de Mariana, aí concluindo seus estudos seminarísticos, ordenando-se em 11 de abril de 1891, aos 23 anos de idade, em cerimônia presidida por D. Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana. Em 1892 foi enviado para a paróquia da Lage (atual Resende Costa) aí permanecendo até 1899. De lá, fora transferido para a paróquia de São Gonçalo do Amarante em Ibituruna. Em dezembro de 1904, assumiria as funções de pároco de São Tiago, onde atuaria incansavelmente por cerca de meio século. Dentre suas ações, enfatiza-se a construção da nova igreja matriz, demolida por vigário anterior, e finalmente concluída em 1922.

Tornar-se-ia famoso quer por seu exaustivo trabalho pastoral e missionário à frente das paróquias de São Tiago, Mercês de Água Limpa e capelas rurais - incluindo por seus “causos” e facécias, geralmente ditos peculiares e pitorescos, externando sua personalidade vivaz e arguta. Adquiriu ainda celebridade como exorcista.

Segundo historiadores, consubstanciados na oralidade local, “Padre José tinha um jeito peculiar de ser, com um temperamento dicotômico: explosivo e suave, severo e divertido. Era um pastor rígido e amigo, ao mesmo tempo. Dava atenção a todos quantos necessitavam de um conselho seu. Mas quando sentia necessário exortar a comunidade, fazia-o com franqueza e até mesmo com certa rusticidade. No entanto, tinha um coração cheio de bondade. Gostava de ajudar a todos, distribuía medalhas bentas, era brincalhão com as crianças. Não gostava de falar muito e muito menos se envolver em política”.

Em seu longo paroquiato, mais precisamente em seus últimos anos de existência, contou com a colaboração de sacerdotes coadjuutores como o padre e futuro monsenhor Francisco Elói de Oliveira; Pe. Marciano Gonçalves de Siqueira; e Pe. Elpídio Rosa de Freitas. Pe. José Duque viria a falecer aos 11 de agosto de 1955, aos 87 anos, em sua residência na antiga Rua Dom Viçoso - hoje Rua Pe. José Duque de Siqueira.

Ao ensejo de seu sesquicentenário de nascimento (1868-2018), a comunidade vem se movimentando no sentido de editar um livro em homenagem ao seu extraordinário pastor, contendo seus dados biográficos, ministeriais e vários de seus tão conhecidos e pitorescos “causos”.

CAUSOS do Pe. José Duque

CONSELHOS DO SÔ VIGÁRIO

Rosa todos os dias ia à fonte do chafariz buscar água ou lavar roupas. E lá sempre se encontrava com amigas. Um dia, comentou com a comadre sobre alguns pedidos que fazia em suas orações, embora até o momento nada houvesse alcançado. Necessitava, aliás, que essas graças tão logo acontecessem.

Tonha disse então à comadre:

- Vai ao Padre José e converse, pois ele é mais esclarecido e vai orientar melhor.

No outro dia, após o almoço, Rosa compareceu à casa do vigário e pediu orientação:

- Pe. José, o que me traz aqui é uma coisa que tem me preocupado muito. Não tenho alcançado algumas graças na minha vida. Eu rezo, rezo e rezo. Peço. E a graça não acontece. Será por quê?

Assim, o vigário falou com Rosa:

- Veja bem: você é lavadeira. Quantas vezes você passa o sabão na roupa para tirar o sujo? Várias, né? Nas suas tentativas, uma hora você acaba conseguindo tirar o sujo. Assim é a oração! Insista! Porque no momento certo terá uma reposta para aquilo que tem perdido. Se for para o seu bem, virá.

No outro dia pela manhã, Rosa se encontrou com a comadre Tonha na fonte e comentou sobre a conversa boa que teve com o vigário.

Pelo visto, Rosa tinha aprendido mais um pouquinho da fé cristã e nunca mais reclamou. Até compreendia quando vinha outra coisa diferente do seu pedido.



A MORTE DO VIGÁRIO 11/08/1955

Era véspera das tradicionais Festas de Agosto. Com isso, todas as famílias, como de costume, arrumavam as casas para receber visitas, faziam biscoitos, matavam porcos e iam à costureira fazer roupas. A localidade se transformava - parecia que o ares de agosto eram diferentes.

Na casa do então reverendo, Pe. José Duque, a irmã e vizinhas estavam desde cedo fazendo biscoitos. As gamelas? Cheias de massa para enrolar pão de queijo e biscoitos. Com isso, enquanto assavam as quitandas no velho forno de cupim, iam também faxinando o imóvel. Duas outras mocinhas estavam por lá - uma delas era afilhada de uma das biscoiteiras - e, como andavam de um lado para o outro, ganharam o apelido de Formigas "Quem, Quem".

Pe. José havia se levantado e ido à "privada", no quintal. Mas a demora era grande. Nada dele voltar. Os fiéis que estavam na casa não perceberam a demora, apenas a irmã Herondina. Mas as mocinhas, muito atentas, resolveram ir atrás para ver o que havia acontecido. Ao chegarem à privada, resolveram chamar, mas José Duque não respondeu. Empurraram então a porta e lá estava o vigário, sentado, com os óculos caídos no chão. Imóvel. Nesse instante as mocinhas saíram correndo, gritando e pedindo ajuda. As pessoas que estavam na casa foram correndo ajudar, mas já era tarde. Chegaram logo depois alguns homens lá de perto, para ajudar a tirá-lo dali. De tão assustadas, as mocinhas nem quiseram ficar. Foram tomadas de um grande medo e voltaram para suas casas, na rua de baixo.

Os biscoitos que estavam sendo feitos para a festa de agosto serviram para dar às visitas no velório, que aconteceu onde o religioso morava logo que toda a cidade ficou sabendo. Quanta tristeza dos paroquianos! Morria ali o padre, o amigo, o conselheiro. Pe. Francisco Eloi e outros amigos do município, tão logo, tomaram as providências para a despedida, comunicando o bispo diocesano Dom José e os vigários das paróquias vizinhas para a missa de corpo presente e exéquias. O sepultamento do reverendíssimo Pe. José foi feito no cemitério local em 12/08/1955.

Marcus Santiago
Secretário do IHGS

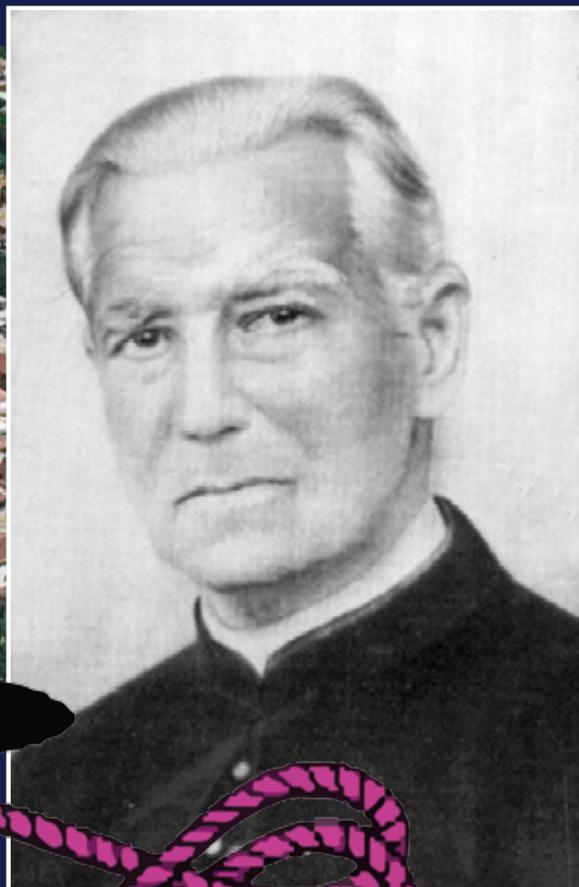
Foto: Internet | <http://laertemagalhaes.blogspot.com.br>



Monsenhor João Alexandre



**1º sacerdote
são-tiaguense**




**170 anos
de seu falecimento**

Na edição deste mês o Boletim Sabores e Saberes faz uma singela homenagem póstuma para lembrar aqui dos 170 anos do nascimento do Monsenhor João Alexandre.

Monsenhor João Alexandre de Mendonça nasceu no antigo distrito de São Tiago, aos 24 de novembro de 1848, filho do Sr. Hipólito Furtado de Mendonça e de dona Francisca Lara de Mendonça. Foi ordenado padre no ano de 1881 em Mariana/MG. No mesmo ano foi provisionado para assumir a Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Cláudio/MG. Lá fez inúmeras obras sociais e pastorais. Ampliou e reconstruiu a Igreja Matriz em 1895, vendendo uma fazenda sua, para ajudar na reconstrução do templo. Em 1900, adquiriu os famosos sinos na torre da Matriz o que fez a população claudiense maravilhar-se com seus badalares. Monsenhor João Alexandre faleceu no dia 9 de novembro de 1934, aos 86 anos, dos quais 53 anos de sacerdócio foram dedicados à Paróquia de Cláudio. Seus restos mortais repousam na capela da Igreja Matriz daquela cidade. O povo de Cláudio, com muito carinho, respeito e gratidão homenageou Monsenhor João Alexandre, nomeando um distrito da cidade com seu nome através da Lei Nº.336, de 27 de dezembro de 1948.

Ao Monsenhor João Alexandre e a outros são-tiaguenses nosso muito obrigado não só por contribuir com o progresso local, mas de outras cidades.

JACOB DO BANDOLIM

Centenário de Nascimento (1918-2018)

‘Não, arco nenhum há que morda / meu coração, fiel instrumento e faça mais regimento / cantar sua vibrante corda, que tua voz, gato misterioso / gato seráfico e estranho, em quem tudo é, como em anjo / tão sutil, tão harmonioso’

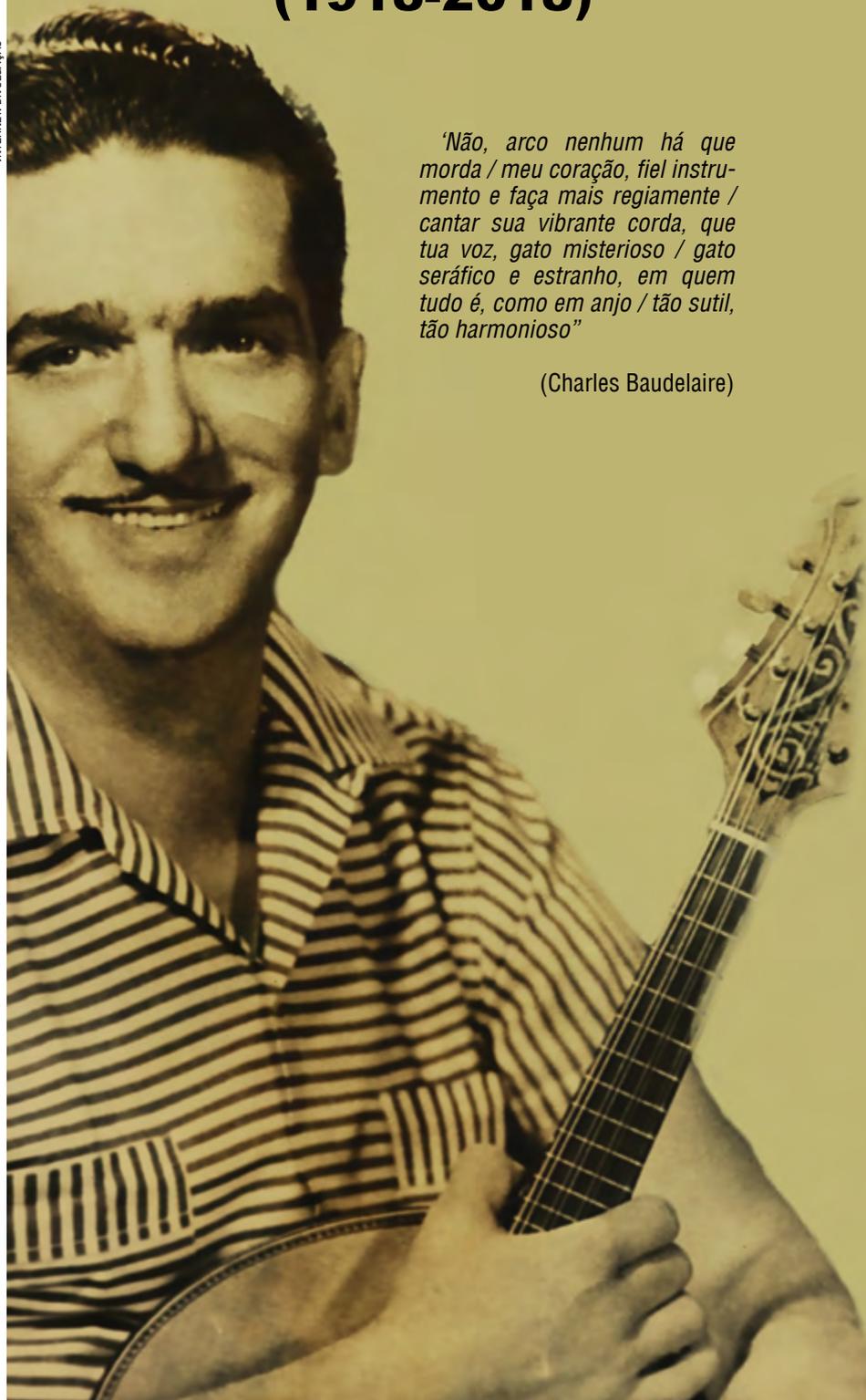
(Charles Baudelaire)

Jacob Pick Bittencourt (Jacob do Bandolim), um dos mais geniais músicos brasileiros, nasceu aos 14 de fevereiro de 1918 e cresceu em um sobrado no bairro boêmio da Lapa no Rio de Janeiro. Era filho único do farmacêutico capixaba Francisco Gomes Bittencourt e da polonesa judia Raquel Pick. A música sempre o atraiu, desde criança aos cinco anos, ficou de castigo na escola por ter feito a segunda voz durante a execução do hino nacional.

Quando tinha 12 anos, ganhou de sua mãe um violino, mas não se adaptou à peça instrumental. Pediu à mãe que trocasse o violino por um bandolim, adquirido na tradicional loja carioca “Guitarra de Prata”, frequentada por grandes nomes da música como Pixinguinha, Ary Barroso e Baden Powell. Transitou, ao longo de sua carreira entre a valsa, o frevo, o samba, a polca e sobretudo o choro que o consolidou no cancioneiro brasileiro como o autor de clássicos como “Noites Cariocas” (1957, o maior sucesso de sua carreira), “Assanhado”, “Treme-Treme”, “Doce de Coco” (1951), “A Ginga do Mané” (1952, em homenagem a Mané Garrincha), “Vibrações” (1967) etc.

Como instrumentista, participou de gravações antológicas (1941) ao lado de Atilfo Alves nos registros de “Ai, que saudades da Amélia” e “Leva meu samba”. Jacob do Bandolim foi um incansável pesquisador da música brasileira, disciplinado na busca pelo aprimoramento técnico e pelo abrasileiramento do bandolim. “O som natural do bandolim é profundamente irritante. Por isso, procurei modifica-lo: passei a tocar com o braço e a mão direita apoiados no instrumento, além dos toques especiais da palheta”, traduzindo Jacob o seu modo de tocar o instrumento que o alçou ao posto de maior bandolinista do país.

Discípulo de Ernesto Nazareth e Pixinguinha, Jacob é, segundo os estudiosos, o maior instrumentista brasileiro. Suas músicas foram gravadas por artistas de peso como Ademilde Fonseca, Elizeth Cardoso, Zimbo Trio e outros. Composições que viriam a ser regravadas por Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Dominginhos, Aurea Martins, Lucas Telles, Marcos Frederico e outros artistas de renome. Ao longo de sua brilhante carreira, lançou 12 discos, participou de outros três, recebeu 11 tributos e 17 coletâneas, além de gravar 53 compactos de 78 rotações entre 1947 e 1969, ano de seu falecimento, aos 51 anos, vitimado por sérios problemas cardíacos.



UM VIOLINISTA NA ESTAÇÃO DE METRÔ

Estação de metrô de Washington, capital dos Estados Unidos, em uma fria manhã de Janeiro de 2007. Um homem toca seis músicas de Bach durante 45 minutos. Nesse tempo, 2 mil pessoas passaram pela estação, sendo que a maioria estava em seu caminho para o trabalho. Depois de 3 minutos, um homem de meia idade repara no músico tocando. Ele diminui o seu ritmo e para por uns segundos e depois sai correndo para atender seu compromisso.

4 minutos depois: o violinista ganha seu primeiro dólar; uma mulher joga o dinheiro dentro do chapéu sem parar e continua a caminhar.

6 minutos: Uma jovem se inclina sobre a parede para ouvi-lo, olha então para o seu relógio e continua a andar novamente.

10 minutos: Um menino de seus 3 anos de idade para, mas sua mãe o tira dali com pressa. A criança para e olha para o violinista novamente, mas sua mãe o puxa com tanta força que a criança continua a caminhar, virando sua cabeça o tempo inteiro. Essa ação se repete diversas vezes com outras crianças, todos os pais, sem exceção, forçam suas crianças para continuarem caminhando.

45 minutos: O músico toca sem cessar. Apenas 6 pessoas pararam e ouviram por um curto período de tempo. Cerca de 20 deixaram algum dinheiro e prosseguiram em seu ritmo normal. O homem conseguiu juntar 32 dólares.

1 hora: Ele para de tocar e o silêncio toma conta do lugar. Ninguém percebe. Ninguém aplaude e não houve nenhum, um traço de reconhecimento sequer.

Ninguém sabia disso, mas o violinista era Joshua Bell, um dos maiores músicos do mundo. Ele tocou as mais complexas músicas já escritas com um violino que custava 3,5 milhões de dólares. Dois dias antes, Joshua Bell lotara o teatro de Boston, onde a média do ingresso era de 100 dólares.

Essa é uma história verdadeira. Joshua Bell tocou disfarçado na estação de metrô para participar de um experimento social sobre percepção, gosto e prioridade das pessoas. As perguntas, então levantadas, foram:

- Em um ambiente público e comum, em uma hora inapropriada, nós percebemos a beleza?
- Nós paramos para apreciá-la?
- Nós reconhecemos o talento em um contexto inesperado?

Uma possível conclusão sobre esse experimento é: Se não temos tempo para parar e ouvir um dos melhores músicos do mundo, tocando as mais incríveis músicas já escritas, com um dos mais lindos instrumentos já feitos... o que mais estamos e estaremos perdendo?!





NÃO SE ENVOLVIAM COM A VIDA ALHEIA

O célebre escritor e homem de cinema norte-americano Orson Wells pesava mais de cem quilos, ostentando, por isso, uma volumosa barriga. Um entrevistador, certa feita, o recriminou, aconselhando-o a se alimentar menos, de forma a reduzir o peso e assim ter mais saúde.

- Meu avô morreu com 98 anos e meu pai com 112, justificou Orson Wells.

Perplexo, o entrevistador perguntou:

- Algo incrível... E eles eram tão exageradamente gordos como você?

- Não... Mas, em compensação, eles eram pessoas educadas, não se metiam na vida de ninguém, concluiu Wells.

Nove horas da noite. Calor infernal. Batem à porta e vou abrir. Um senhor de rosto queimado, tostado de sol, pele ressequida, procura pelo Laerte, que estava no banho. Mando-o entrar e aguardar. Pusemo-nos a conversar. E fala daqui, fala dali, entabulamos profícuo diálogo.

Estava ele a procurar um trator para fazer serviços em suas terras, que é o preparo para o cultivo, pois já é novembro e homem que lavourista não pode mais esperar: ainda é dos poucos que vivem de cultivar a terra paraw sustento seu e da família. É daqueles roceiros que já não mais existem, à maneira de meus tios maternos: a terra é pródiga e nela se confia. Tanto entusiasmo, apesar da falta de incentivo para os pequenos produtores. É um dos poucos que restou, após a modernização das leis que regulamentam o uso da água e da terra como bem particular. Enquanto quase totalidade dos ruralistas abandonam suas atividades, tal é o desalento, esse não se deixa levar pela onda, referindo-se à agricultura como um Bem: ainda é um crente em sua interação com a terra, tem esperanças e faz planos de plantio, dizendo que em se plantando, de tudo a terra dá. Penso como ele.

Então resolvi falar-lhe de minha visita a Berlim, capital da Alemanha, que incluiu também algumas cidades do interior. Falei do clima, da alimentação, da arquitetura. Disse-lhe do açúcar de beterraba e do cultivo dessa planta, das montanhas dela que vi, colhidas à beira das rodovias, bem como do plantio assim que se colhe, antes que venha a geada, porque logo que passe o tempo dela, as plantas brotam imediatamente, como que por milagre. A vida, que parecia morta, ressurgiu com todo o vigor. Imensos campos também plantados em batatas, a base alimentação daquele povo, assim como é o arroz, milho e feijão para nós.

O homem ficou tão entusiasmado que me perguntou porque eu não trouxe uma muda no bolso: Ah, quando vortá lá, num dexa de trazê ao menos uma. Deu-me exemplo de um senhor que ao visitar um mandiocal, cujo dono era muito severo, achou uma mudinha caída e tratou logo de colocá-la no

bolso. Plantou, multiplicou e hoje é comum em nosso meio: mandioca que leva menos tempo para dar que as outras qualidades. Quando Laerte falou que a tal beterraba não dá aqui, bem como o coco da Bahia que exige clima e solo apropriado, o homem retrucou entusiasmado que tudo dá, é só plantar.

Como estou acostumada a ouvir só pontos negativos quanto a vida na roça, que tudo só dá prejuízo e não mais compensa exercer atividades agrícolas, fiquei impressionada com a fé daquele homem simples e forte, que tem ainda os pés na terra.

Passei o diálogo para Laerte. Seria o Adilson que teria de dar a resposta sobre o serviço de trator, pois é dele a responsabilidade de gerir tal atividade. Talvez não pudesse atender, devido aos muitos compromissos. Por sorte, chega o Adilson. E... conversa vai, conversa vem, diz para o homem arrumar outro que faça o serviço, pois está sem condições de atendê-lo. Tanto ele insiste, que acaba sendo atendido e a qualquer hora terá seu serviço feito. Justificou que os tratores da Prefeitura estão com uma fila enorme, que outros também não podem, devido a muitos tratos. E sai o homem contente, pois conseguira resolver seu problema, que as terras já deveriam estar plantadas, assim como as do Adilson: está ficando tarde, que já estamos em novembro! ...

Consideremos que Adilson é também um verdadeiro homem da roça, assim como o pai, e entende muito de lavouras e gado. Sensibiliza-se com seus companheiros de crença e comunga os mesmos ideais: persistente no labor que por vocação escolheu, é exemplo para muitos, acreditando que a terra é abençoada e somente dela vem o pão nosso de cada dia.

Ermínia Caputo

*Texto publicado no livro Dinâmica das Palavras
Guemanisse Editora - 2012*

O HOMEM DA ROÇA

